



Ressignificação do masculino: o devir-queer no audiovisual

Fábio Parode²⁴

Nythamar de Oliveira²⁵

Maximiliano Zapata²⁶

UNIRITTER/PUCRS

Resumo: Este ensaio tem o propósito de problematizar e contribuir com o debate sobre diversidade sexual no audiovisual brasileiro. Assim, pelo método especulativo rizomático, analisaremos o vídeo clipe *K.O.* do álbum *Vai passar mal*, (2017) da cantora drag brasileira Pabllo Vittar. Sob o escopo da ontologia deleuze-guattariana, faremos uma aproximação entre as noções de *objeto parcial* e de *devires-minoritários*, (na sua expressão *queer*), para posteriormente confrontá-lo com os *processos de subjetivação do corpo sexuado* da drag, isto é, sua expressão de gênero. Assim, o *devir-queer*, é investigado enquanto processo, criando, ao mesmo tempo que opera, função de visibilidade e representatividade da cultura queer no audiovisual brasileiro.

Palavras-chave: Devires-minoritários, processo de subjetivação, Pabllo Vittar.

Resumo expandido

Para Michel Foucault (2014) não há nada mais material do que o exercício do poder. Dentro da sociedade capitalística as técnicas de controle da sexualidade, delimitam os contornos do corpo social, na medida que: “não é consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidades do poder que se exercendo sobre o próprio corpo individuo” (FOUCAULT, 2014, p. 146) O que é um devir-queer? Devir é aquilo que na sua potência pode vir a ser. Queer é o insólito o que foge do padrão, no entanto, no debate da diversidade sexual é uma expressão de questionamento. Um devir-queer é um devir-minoritário, já que pertence ao grupo sexual conhecido como LGBTQ. Os devires atuam por agregação, agregação de outros devires.

Com as aparições nas mídias alternativas, Pabllo Vittar foi captada pela mídia tradicional. Uma performance da drag queen configura-se com o corpo social e com corpo sexuado. No corpo social, rompe com o binarismo sexual dos padrões e hierarquias sexuais: uma drag queen associa-se esteticamente à feminilidade, no entanto sem perder a totalidade de elementos que remetam à masculinidade: “São transformistas que vivenciam a inversão do gênero como diversão, entretenimento e espetáculo, não como identidade”. (GOMES, 2012, p. 18).

²⁴ Doutor em estética por Paris I, PPGDESIGN UNIRITTER <fparode@gmail.com>

²⁵ Doutor em filosofia pela State University of New York, PPGFILO PUCRS, <nythamar.oliveira@pucrs.br>

²⁶ Bacharel em filosofia pela PUCRS, <maximiliano.zapata@acad.pucrs.br>



Num devir-drag há a liberação do desejo, liberação dos padrões hegemônicos, a fusão do masculino e do feminino. Nesse caso, se vivencia com menor intensidade uma transexualidade, mas não chega a afetar a identidade de gênero, sendo uma expressão de gênero. Para Guattari, na transexualidade, especificamente da travesti que se identifica como transgênero, há a liberação das representações, estereótipos “da ‘couraça’ e dos constrangimentos do corpo social” (1981, p. 44). Ao contrário de uma pessoa trans que vive a sua transexualidade como expressão da sua identidade de gênero, na performance de uma drag não ocorre uma mudança de gênero, é uma mudança efêmera, que não modifica o seu gênero nem orientação sexual.

Na performance da drag queen a estética é agenciada pela maquiagem e pelo design de moda. Estes artefatos são os que liberam o corpo social dos padrões e hierarquias sexuais, atuando como objetos parciais, já que serão apenas objetos-parciais do devir na performance da drag queen. O devir em si mesmo, atua como um objeto parcial numa drag. O devir-queer se dá quando a expressão da processualidade da performance é vivida pelo corpo sexuado de uma drag. Já que o corpo será um mediador na disputa política, atuando como referência para outros devires: devir-lésbica, devir-gay, devir-bissexual, devir-transexual.

Guattari e Rolnik concebem as minorias como um processo. Especificamente um processo de minorização. Excludente, opressor e homogeneizador, este processo de alienação sexual responde por acoplamento a um macroprocesso de produção capitalística, que por sua vez, gera uma antiprodução, uma resposta, uma dobra no sistema. Ao ganhar notoriedade artística, Pablo Vittar, estimula a visibilidade sobre o debate acerca da diversidade sexual. Transforma-se num elemento político, representando a expressão de uma minoria queer, na qual acoplam-se outras minorias da categoria LGBTQ.

Neste sentido, as minorias entram no jogo da disputa política, agenciados por diversas áreas, seja no campo das artes, do design de moda e pela produção audiovisual, que se prolifera nas redes sociais. Ao mesmo tempo, é captada pela mídia tradicional, legitimando o debate acerca da diversidade sexual. Esta pesquisa utilizara os 6 princípios do método rizomático de Deleuze e Guattari (2013), a saber: (1º e 2º princípios de conexão e heterogeneidade. (o rizoma pode e deve conectar-se a qualquer ponto) 3º Princípio de multiplicidade. (não há unidades nem regímenes hierárquicos: na multiplicidade é atua a modo de proliferação). 4º Princípio de ruptura de assígnificante. (um rizoma pode ser quebrado em qualquer ponto) 5º e 6º Princípio da cartografia e de decalque (o rizoma atua por proliferação, contaminação, aposte à fotografia, ao desenho, ao decalque. Um rizoma refere ao um mapa, que é construído). Em *K.O.* (2017) do diretor João Monteiro, esta pesquisa buscará questionar o processo de transformação no feminino e de resignificação do masculino especificamente de elementos do masculino no clipe *K.O.* da drag Pablo Vittar.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Ed. Graal, 2008.



GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo São Paulo: Editora brasileira, 1981.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

PRECIOSA, Rosane. **Moda na filosofia**. In revista dObra[s], São Paulo: Estação das letras, Vol. 2, Num. 4, sep 2008, pp. 61-2.

VITTAR, Pablio. **K.O.** (Videoclipe Oficial), Youtube, 19 abr 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3L5D8by1AtI>>, acesso em 26 out 2017.